



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**AS MULHERES E A REVOLUÇÃO SANDINISTA: HEGEMONIA E TRANSFORMISMO NA
CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA NICARÁGUA**

Nicolle Montalvão Pereira

nicolle.mp@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Meire Mathias

meire_mathias@uol.com.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Resumo

Por mais de uma década a Nicarágua, país localizado na América Central, foi palco de transformações sociais provindas de uma grande efervescência popular: a Revolução Sandinista, de 1979 a 1990. Com inspiração na Revolução Cubana de 1959, a Revolução Sandinista – ou Nicaraguense – foi um peculiar processo de insurreição popular que, através da luta armada, derrubou a ditadura da família Somoza e reconstruiu um país em ruínas. Assim, considerando o conceito gramsciano de *hegemonia*, a Revolução Sandinista se configurou enquanto tentativa de consolidação de uma hegemonia alternativa, que visou produzir uma nova concepção de mundo. Todavia, para melhor entender esse processo revolucionário é fundamental reconhecer o papel das mulheres. Pondera-se que, se por um lado, as mulheres estão à margem de toda a história da humanidade, por outro, elas sempre estiveram presentes, contribuindo de várias formas para as lutas travadas. Na Revolução Sandinista não foi diferente. Elas estavam presentes nos dois momentos do processo revolucionário: no primeiro de guerrilhas urbanas e no campo e da inevitável guerra civil – que derruba o regime somozista –, ocupando diversas funções, inclusive no comando de exércitos; e no segundo momento, de construção da Nova Nicarágua, onde estas mulheres permaneceram organizadas, exigindo direitos e liderando povoados inteiros. No entanto, a natureza paradigmática da Revolução Sandinista não impediu que as mulheres nicaraguenses encontrassem inúmeros desafios, até mesmo na Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), o que as colocou em uma posição específica dentro da própria luta sandinista. Assim, considerando outro aspecto da construção da hegemonia, tendo por base a concepção de Gramsci referente aos *grupos subalternos*, é possível indicar que dentro da FSLN e na população que construía a revolução, havia a presença desses grupos, com destaque à organização das mulheres. Além disso, sabe-se que a construção de uma nova Nicarágua não se consolidou, sucumbindo em 1990 com a vitória da liberal Violeta Chamorro nas eleições à presidência. É certo que se trata de reducionismo atribuir à derrota do processo revolucionário somente aos erros cometidos pela FSLN, porém, tais equívocos são também resultado de uma mudança na essência da própria Frente Sandinista. Neste sentido, o conceito gramsciano de *transformismo*, em suas variantes ampla e restrita, torna possível o exame dessa especial mudança, isto é, do caráter transformista adquirido pela FSLN, que propiciou a



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

decadência do processo revolucionário e as condições necessárias para o reestabelecimento da hegemonia burguesa na Nicarágua. Temos, portanto, como objetivo deste trabalho analisar como o transformismo da FSLN, principalmente no acirramento da configuração da correlação de forças no processo revolucionário, afetou a pauta das mulheres, recolocando-as em uma posição de subalternidade dentro da luta sandinista.

Abstract

For more than a decade the Nicaragua, country located in Central America, was the scene of social transformations from a large popular effervescence: the Sandinista Revolution, since 1979 at 1990. Inspired by Cuban Revolution of 1959, the Sandinista Revolution – or Nicaraguan – was a peculiar process of popular uprising that, through armed struggle, overthrew the dictatorship of the Somoza family, and rebuilt a country in ruins. So, considering the concept of hegemony from the Gramsci's thought, the Nicaraguan revolution was an attempt to consolidate an alternative hegemony, with a new world's conception. However, for a better understanding of the process, is fundamental to know the role of women. If, by one side, the women weren't recognized many times in history, by other side, them always were present, in many historic struggles. In the Sandinista Revolution wasn't different. The women were present in two moments of the revolutionary process: the first one of guerrillas in the countryside and in the city, and a civil war – that overthrew the Somoza – in many functions, including that command of armies; and in the second one, of building of a New Nicaragua, where these women remained organized, demanding rights and leading entire villages. But, the paradigmatic nature of the Sandinista Revolution didn't prevent the Nicaraguan women find many challenges, even in the Sandinista National Liberation Front (FSLN), what put them at a specific position within the Sandinista struggle. So, considering another aspect of hegemony's construction, based on the Gramsci's concept for subaltern groups, it is possible to indicate that within the FSLN and the people who built the revolution, there was the presence of those groups, with emphasis on women's organization. Beyond that, it's known that the construction of a new Nicaragua isn't consolidated, succumbing in 1990 with the victory of liberal Violeta Chamorro on the president election. It's true that is reductionism affirm that defeat of revolutionary process occurred just because of the FSLN's mistakes, but, those mistakes are from a change in FSLN's



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

essence. In this way, the Gramsci's concept of transformism, make the analysis of that especial change, of the FSLN's transformist character, that led to the revolutionary process decline and the required conditions to the Re-establishment of a bourgeois hegemony in Nicaragua. So, our work's objective is the analysis of how the FSLN's transformism, mainly in the increased of the forces correlation in the revolutionary process, affected the agenda of women, re-putting them in a position of subalternity in the Sandinista struggle.

Palavras-chave

Revolução Sandinista, Mulheres, Hegemonia.

Keywords

Sandinista Revolution, Women, Hegemony.

Introdução

Inspirada na Revolução Cubana de 1959, a Revolução Sandinista – ou Nicaraguense, configurou-se enquanto um peculiar processo revolucionário popular que, através da luta armada, derrubou a ditadura da família Somoza e reconstruiu um país em ruínas, configurando a tentativa de construção de uma nova sociedade, portanto, um processo que visou produzir para além de transformações de ordem política, uma nova concepção de mundo.

Desta forma, considerando o conceito de hegemonia presente no rol do pensamento gramsciano, podemos indicar que tal processo objetivava a construção de uma nova *hegemonia*: a derrubada do regime ditatorial dos Somoza se dá como disputa hegemônica, e a Revolução Sandinista tinha como dever percorrer o caminho para a consolidação desta nova sociabilidade. Porém, sabe-se que a nova Nicarágua não se consolidou e o projeto revolucionário sandinista acabou por sucumbir a partir da vitória de Violeta Chamorro nas eleições à presidência de 1990.

Ademais, para melhor compreender o processo revolucionário sandinista é fundamental reconhecer o papel das mulheres, tendo em vista que a participação organizada da mulher nicaraguense foi massiva e essencial ao sucesso da FSLN na derrubada do regime ditatorial somozista.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

As Mulheres na Revolução Sandinista

O processo revolucionário sandinista possui dois momentos: um primeiro que toma corpo a partir de 1961 com a fundação da FSLN, e vai até o chamado “triunfo”, que se caracteriza pela queda do regime ditatorial somozista em 1979; e um segundo onde se inicia o processo de reconstrução revolucionária do país, ou seja, a tentativa de consolidar uma nova sociedade, uma nova Nicarágua livre da intervenção estadunidense, livre da exploração, opressão, uma sociedade laica, igualitária, ou seja, consolidar a hegemonia sandinista.

A questão que chama atenção em relação às mulheres neste contexto é a organização e a inserção destas na luta, com intenção de construir a revolução: havia foco, demandas gerais e específicas e uma vontade de transformação que prevaleceu nos dois momentos da revolução. Na “Apresentação da edição brasileira” do livro de Margaret Randall, Moema Viezzer ressalta a organização e a participação das mulheres: “Na Nicarágua, o que acontece de maneira diversa na história revolucionária da América Latina é a participação orgânica da mulher, tanto durante a revolução como após o seu triunfo” (In. RANDALL, 1982, p. 06). Depois de longas quatro décadas vivendo sob uma ditadura que, através dos soldados somozistas da Guarda Nacional, violou, massacrou e assassinou várias camponesas, trabalhadoras, jovens, meninas, enfim, mulheres, o processo revolucionário representou uma grandiosa oportunidade de mudança de cenário.

Porém, sabe-se que a inserção das mulheres na luta revolucionária não foi simples ou espontânea. Gloria Carrion, coordenadora geral da Associação de Mulheres Nicaraguense Luísa Amanda Espinoza (AMNLAE), em entrevista concedida a Margaret Randall, frisa que:

É importante deixar claro que essa integração da mulher na Revolução não se dá de forma isolada, somente num setor, mas dentro do panorama geral de um povo inteiro que se incorpora ao combate. Todavia, eu acho que é notório no nosso processo, por assim dizer, o processo de conscientização que a mulher adquire, da importância que ela tem também como sujeito desta sociedade e como sujeito determinante – portanto – se queremos, do resultado final a que chegamos. E vemos como ela, a partir dessa consciência, começa a se trabalhar, a tomar uma posição na luta e uma posição de apoio à Revolução. (Gloria Carrion, In. RANDALL, 1982, p.42).

Esse processo de conscientização da mulher também não é espontâneo, se deu através de condições objetivas para tal, a partir do deslocamento das tarefas das militantes – antes colocadas



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

para executar serviços tidos como “femininos” – para áreas mais incomuns de participação feminina, como o treinamento militar e, logo, combatentes de guerrilha. A princípio, elas possuíam funções bem específicas na Frente, como a manutenção e a limpeza de aparelhos, alimentação e cuidado dos enfermos e datilografar comunicados e manifestos. Mas, por estarem inseridas neste ambiente, necessariamente elas pegam em armas e recebem treinamento militar.

O manejo das armas e o conhecimento de táticas e estratégias militares causou na mulher sandinista um profundo impacto, uma importante reflexão que fez com que se alterasse o modo de pensar sobre elas mesmas, e sobre como seus companheiros as tratavam (ZIMMERMANN, 2002, p. 55). Em outras palavras, o contexto da guerra revolucionária fez com que as mulheres se situassem enquanto sujeitos ativos e capazes de se comprometerem inclusive com tarefas tidas como “masculinas”, por exemplo, tornar-se Comandante.

A partir do final da década de 1960 até o início dos anos 1980, as mulheres estavam ombro a ombro nas fileiras guerrilheiras sandinistas, empunhando armas das mais pesadas e inclusive comandando tropas inteiras. É desta maneira que as mulheres começam a tomar postos dentro da FSLN, executando tarefas que antes não as eram designadas. Foi na época da clandestinidade – entre 1977 e 1979 – que as mulheres passaram a ser mais numerosas na FSLN, quando as guerrilhas urbanas e no campo estavam constantes até a eclosão da guerra civil, o que deixa manifesto como os momentos de guerra promovem situações atípicas a ponto de evidenciar as contradições, os antagonismos, ou seja, provoca uma “polarização total” (JOFFILY, 2016). A violência, a repressão e o extermínio de grupos opositores por parte do Estado causa um clima de medo, insegurança, desconfiança e de impunidade aos agressores. A participação das mulheres se intensifica justamente por estas se situarem enquanto agentes capazes de alterar os rumos da história, já que no contexto da guerra prevalece o “matar ou morrer”. É inimaginável as possíveis atrocidades cometidas pelos soldados da Guarda Nacional de Somoza contra as mulheres, nos cárceres, nas ruas, nas montanhas, nas emboscadas contrarrevolucionárias.

Foi neste mesmo contexto, de extrema repressão da Guarda Nacional à FSLN durante o estado de sítio anunciado por Somoza, que as mulheres fundam uma importante organização de protesto ligada à luta sandinista, a Associação de Mulheres ante a Problemática Nacional, a



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

AMPRONAC. Entre as principais líderes da associação estavam Nora Astorga, Lea Guido e Gloria Carrion. Sobre a “Problemática Nacional”, Lea Guido, ministra do Bem-Estar Social do governo revolucionário, em entrevista à Margaret Randall, explica que:

É preciso lembrar que 1977 foi um ano de grande repressão, em todos os níveis. De repressão sanguinária. Entre outras coisas, tratamos de reunir mulheres de diferentes setores para enfrentar o problema: as péssimas condições e a tortura que sofriam nossos companheiros nos cárceres, a ausência total de direitos humanos no país” (Lea Guido. In. RANDALL, 1982, p.39).

Assim, através desta associação, as mulheres sandinistas promoviam manifestações, passeatas e greves, denunciando as inúmeras violações dos direitos humanos praticados pela Guarda Nacional contra seus filhos e companheiros, e também os abusos sofridos pelas prisioneiras nos cárceres somozistas e principalmente pelas mulheres do campo, que viviam em uma situação de constante violência dos soldados, que abusavam sexualmente e moralmente destas, sobretudo se a família era suspeita de colaborar com os guerrilheiros e guerrilheiras sandinistas.

Após a queda da ditadura de Somoza, isto é, no segundo momento do processo revolucionário, apesar das enormes dificuldades as mulheres saem também vitoriosas com a FSLN diante da derrubada do antigo regime. A AMPRONAC se torna a *Asociación de Mujeres Nicaraguenses Luísa Amanda Espinoza*, a AMNLAE, em homenagem à primeira mulher sandinista a ser assassinada em atividade pela Guarda Nacional.

Neste segundo momento da revolução, as mulheres vão tomando espaços até não alcançados. Grabe e Dutt¹, pesquisadoras estadunidenses da área da psicologia, sobre a evolução do movimento social de mulheres na Nicarágua, ressaltam que:

Women’s participation in the Revolution in Nicaragua was lauded as more substantive than nearly any other revolution during the time. In fact, women made up approximately 30% of the Frente Sandinista de Liberación Nacional’s (FSLN) combat forces and were appointed to senior positions in the newly established ministries after the FSLN gained power in 1979 (Kampwirth, 1996; Molyneux, 1985).

¹ GRABE, S. DUTT, A. *Counter Narratives, the Psychology of Liberation, and the Evolution of a Women’s Social Movement in Nicaragua*. **Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology**, 2015, Vol. 21, No. 1, 89–105. p. 90.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Ou seja, além de representarem cerca de 30% da militância revolucionária sandinista no período de guerrilhas e da guerra civil, após o triunfo as mulheres passam a ocupar postos de poder, como comandantes de exércitos, ministras e liderança de povoados, algo que até então não havia acontecido, por isso uma participação tão substantiva, histórica e paradigmática em termos movimento de mulheres na América Latina. O poeta argentino Julio Cortázar esteve na Nicarágua momentos antes e após o fim da ditadura somozista. Ao relatar as viagens que o sandinista Sergio Ramírez fazia para “receber juramento de posse dos integrantes regionais da Junta”, Cortázar (1987) constata que,

em Siuna, assumiram essa função três mulheres em um povoado de mineiros, o que me pareceu um bom sinal em um país onde da mesma forma que em toda a América Latina o machismo pretender ter sempre a última palavra. (p. 28).

Tal relato reitera a presença das mulheres na construção da revolução sandinista no momento após a queda de Somoza, liderando povoados e articuladas com o governo revolucionário.

Assim foram se dando os avanços imediatos em relação às mulheres após o triunfo revolucionário de 1979. Em síntese, os avanços obtidos pelas mulheres logo após o triunfo revolucionaram foram:

- 1) reconhecimento e igualdade formal perante a lei;
- 2) ascensão à cargos de poder, políticos e militares, como cadeiras nos ministérios, liderança de povoados, treinamento de exércitos, ou seja, houve uma larga modificação na participação política da mulher nicaraguense;
- 3) alterações no Código Familiar que procuravam garantir às mulheres uma divisão igualitária da responsabilidade das crianças de seus filhos e filhas e dos serviços domésticos;
- 4) a proibição da exploração sexual da mulher, reiterando o direito ao corpo que é apenas da mulher.

Alguns dados importantes reforçam a participação política das mulheres: elas eram cerca de 30% do exército guerrilheiro sandinista; 60% das pessoas atuantes na campanha de alfabetização



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

eram mulheres; e 80% da força de brigadistas da saúde; além de várias que se oferecerem para os batalhões de reserva da milícia, mesmo que tivessem que brigar com seus companheiros da família e seus patrões, as mulheres estavam presentes. Não era um problema desafiar anos de tradição machista que as obriga a exercer tarefas muito bem especificadas. Em nome da revolução e com projeção dos possíveis avanços, elas estavam dispostas a lutar.

Transformismo e a saída neoliberal: o recuo da luta

Por mais que as mulheres tenham exercido um papel importante na revolução, suas pautas desafiam moral e culturalmente a sociedade de modo que sequer a Frente Sandinista quis arriscar, mesmo sob a égide de um processo revolucionário. Sob desculpas de que realizar tais pautas poderia causar problemas com a Igreja Católica, com o Partido Conservador, e dentro do próprio governo revolucionário, o Diretório Nacional da FSLN barrava as propostas de leis desafiadoras da moral vigente. Era comum encontrar oposição entre as próprias classes subalternas. A manutenção do aborto enquanto atividade ilegal é o principal exemplo destas limitações.

A partir da problemática do aborto é que se evidenciou a limitação moral e machista das classes subalternas e suas frações na luta revolucionária sandinista. No ano de 1985, através de artigos publicados no jornal *Barricada* (folhetim vinculado à FSLN), as mulheres promoveram discussões que levaram a temática do aborto a âmbito nacional. Mas os resultados não foram satisfatórios. Mesmo o aborto clandestino sendo a principal causa das mortes entre mulheres de idade fértil, o tema era polêmico e o aborto permaneceu proibido. Nas palavras de Zimmermann,

As mulheres ricas pagavam para fazer abortos seguros em clínicas de Manágua, ou voavam a Miami, mas as mulheres pobres sofriam e morriam por causa de abortos auto-induzidos ou provocados. As posições relativas à questão não se definiam com clareza conforme a classe, o gênero e a religião, ou entre os grupos que apoiavam ou não a revolução. [...] alguns líderes da FSLN, tanto homens quanto mulheres, declaravam que o aborto era uma exigência “burguesa” e “estrangeira” e convocam as mulheres a ter mais bebês para a revolução. A hierarquia da Igreja denunciava o aborto como assassino, [...]. As mulheres das classes trabalhadoras se dividiam a respeito da questão, incluindo as que eram ativistas da organização sandinista e defensoras da revolução. (2002, p. 126).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Fica evidente que entre as próprias mulheres havia divergências em relação a importância da luta sandinista para suas causas, portanto não era um grupo homogêneo. Havia diferenças de classe, raciais/étnicas, e certamente de sexualidade. Tratando-se de divergências políticas, Violeta Chamorro é o principal exemplo de como nem toda mulher inserida no contexto da revolução era, de fato, revolucionária. Porém, há de fazermos jus que, afirmar que a participação massiva da mulher nos anos 1980 no processo revolucionário é, no mínimo, uma leitura a-histórica do processo.

Denota-se, ao nos atentarmos às datas, que a maioria das conquistas feministas se deram entre 1979 e 1983. Desta última data em diante, as pautas das mulheres passaram a ser totalmente excluídas, na qual a permanência da cultura machista, que reafirma as relações de gênero enquanto desiguais onde o poder está com o homem, é indiscutível.

Essa situação de invisibilidade da luta das mulheres se sustentou através de vários fatores que operaram de forma simultânea, a começar pela dinâmica das dimensões interna e externa no processo revolucionário sandinista: a ofensiva contrarrevolucionária financiada pelos EUA não cessou, o que significou à população um estado de guerra constante e um imenso desgaste físico e emocional. O cenário internacional era o de reconfiguração das forças políticas, do reestabelecimento da hegemonia estadunidense na região latino-americana, o impacto do declínio do bloco socialista que leva ao isolamento da Nicarágua Sandinista, o avanço neoliberal, além do distanciamento das lideranças da Frente Sandinista da luta revolucionária, isto é, o transformismo da FSLN, conseqüentemente, o definhamento do processo.

O avanço do neoliberalismo configura um importante fator, digno de destaque. Há de se considerar que, nesse contexto, a própria pauta das lutas feministas nos anos 1980 – 1990 sofreram alterações. No que diz respeito ao movimento feminista ocidental – europeu e estadunidense – os anos 1980 – 1990 representaram uma mudança de suas pautas, que passaram a reivindicar mais representatividade, maior presença feminina nos congressos, parlamentos, nos governos, isto é, mais mulheres ocupando postos de poder. Além da proliferação das Organizações Não Governamentais, as ONGs, na qual muitos coletivos feministas passaram e se organizaram enquanto tal. Assim, o movimento feminista se faz mais fragmentado, com diversas reivindicações que se afastam cada vez mais das questões de classe, promovendo lutas especialmente no campo formal e



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

do assistencialismo, movido a campanhas de donativos, acordos com empresas, bancos, e organizações internacionais como a ONU.

As mudanças deste cenário certamente afetaram as organizações feministas na América Latina. Nas palavras de Schild (2017),

Como e por que as feministas se envolveram no projeto do neoliberalismo? De acordo com Fraser, a ascensão do neoliberalismo mudou drasticamente o terreno em que o feminismo operava; o efeito foi “ressignificar” os ideais feministas, um termo tomado de Judith Butler. Na era neoliberal, aspirações que haviam tido uma clara carga emancipadora assumiram um significado mais ambíguo, adotaram uma nova validade. Isso coincide muito com a experiência latino-americana. Em especial, o conceito-chave feminista de autonomia material e psicológica das mulheres, realizado mediante práticas pedagógicas de empoderamento, desempenha agora na América Latina uma função crucial no projeto cultural do neoliberalismo. Ele se integrou aos programas sociais para pobres dirigidos pelas burocracias estatais e suas ONGs subcontratadas. (p. 106 – 107).

Desta maneira o feminismo latino-americano sofre alterações de cunho essencial, não por seguir a tendência das feministas europeias e estadunidenses, mas sim diante das novas formas de reivindicação que a democracia neoliberal inaugura, cooptando a radicalidade do movimento de mulheres, transformando-o em um movimento institucionalizado. Ainda de acordo com Schild,

Essa institucionalização da busca de autonomia – ou “empoderamento” – feminista criou, sem dúvida, um novo espaço para as mulheres, embora também as tenha prendido a novas relações de opressão e, frequentemente, de exploração. A autonomia proporcionada pelo modelo neoliberal de família com dois salários e trabalho “flexível” tem seus custos: a emancipação serve para alimentar o motor da acumulação capitalista, como lembra Fraser, enquanto o trabalho de cuidados continua recaindo em grande medida sobre as mulheres (idem, p. 107).

Podemos dizer que essa cooptação da radicalidade da luta, expressão do que podemos chamar de um aspecto transformista do movimento de mulheres, se dá principalmente pelo perigo que a luta feminista latino-americana significa, devido as suas origens.

Na particularidade da Nicarágua, que mesmo após o triunfo a contrarrevolução permaneceu assolando a população, a liberal Violeta Chamorro – que teve sua candidatura financiada diretamente pelo governo dos Estados Unidos – apelou para o emocional das mães nicaraguenses, que já não suportavam mais aquela situação. Chamorro soube se aproveitar da vulnerabilidade das mulheres mães em relação a seus filhos e filhas que permaneciam em estado de guerra, assim, a



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

candidata da direita contrarrevolucionaria saiu vitoriosa inclusive entre as mulheres das classes subalternas, tendo apoio especial das mães. Reflexo da ideologia neoliberal, onde as pautas amplas passam a ser secundárias, e as pautas imediatas, como o fim da guerra na Nicarágua para que os e as jovens nicaraguenses possam regressar para suas casas, se fazia mais importante que as da Revolução.

O caso das mães nicaraguenses é uma outra expressão do aspecto transformista presente tanto na Frente Sandinista como no movimento de mulheres. Há de se ressaltar aqui que a maternidade foi bastante exaltada pela FSLN. Isso porque era necessário a geração de mais crianças que viriam a ser trabalhadores e trabalhadoras para a manutenção da Nicarágua revolucionária. Porém, com o acirramento da contrarrevolução em meados da década de 1980, aquilo que antes era uma propagando pró-revolução tornou-se uma inflexão. Vejamos, de acordo com Palazón Saéz (2007, p. 125-126),

En efecto, este discurso contradictorio por parte del FSLN, que por un lado enardecía la maternidad como principal aporte revolucionario de la mujer, después se convirtió en principal reclamo de las madres que veían cómo sus hijos eran sacrificados por la revolución en una guerra que se libraba muy lejos de sus hogares. Los años de represión y tortura de la dictadura somocista, los duros combates con la Contra desde 1984 y la incapacidad del FSLN para asegurar una propuesta de paz, hicieron que finalmente las madres, las grandes sostenedoras de las principales políticas del FSLN en el poder, dieran su voto en 1990 a la candidatura conservadora de Violeta Barrios de Chamorro que, desde una propuesta muy lejana a la del FSLN, se presentaba también en su campaña electoral como madre (Bayard, 2001: 156).

Foi por esta brecha que Violeta Chamorro se colocou como uma mãe que, assim como todas as outras na Nicarágua, estavam cansadas da guerra. Conforme relata Wilson (2010, p.13),

During the 1990 campaign, Violeta Chamorro, the UNO opposition candidate, evoked family images of herself as a strong mother of a divided family, half conservative and half Sandinista, who could unite her nation as she did her family. Although progressive feminists were aggravated by her image as a “homebody”, they soon realized that feminism with less of an emphasis on political content could be the key to creating broad coalitions and a feminist agenda on a variety issues. For example, in the male dominated society, women and children would have to report claims of violence and sexual abuse to an all-male police department, often receiving little support. But under Chamorro, women and children could now make such claims to Women’s and Children’s



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Police Stations run entirely by female officers, where they were more likely to be taken seriously, leading to a vast increase in reported rapes (497 in 1991 to 1,037 reported in 1995). While many government programs were altered in part due to lack of funds, the health and education programs remained intact. Whereas many groups within the UNO had hoped to reverse many of the Sandinista programs, Chamorro, instead, took a more measured approach, accepting the 1987 Constitution and allowing land redistribution in the last two years of Sandinista rule.⁸⁴ Chamorro also formed an alliance with Daniel Ortega and the FSLN to get a voting majority within the Council of State; and this did much to raise her profile as well as those of women's issues.

Deste modo, a vitória à presidência de Violeta Chamorro, que demarca o fim da revolução popular sandinista, foi resultado de uma soma de diversos fatores. Fica evidente a influência da dinâmica entre as dimensões interna e externa no processo de cooptação das lutas revolucionárias, e de como isso impactou não só o movimento feminista das mulheres sandinistas, mas também outras demandas das mais diversas frações de classes presentes no processo revolucionário. Nas palavras de Isabel Monal,

A participação das forças subalternas nas lutas pela hegemonia, em todos os níveis, é um objetivo essencial no interior das grandes batalhas contra o capitalismo e o imperialismo. Tais lutas não podem se dar sem um sujeito histórico, que se constitui através das lutas de classes e das lutas sociais em geral – e, em particular, no seio destas, da luta das classes subalternas. (MONAL, 2003, p. 198).

Infelizmente, a FSLN e o processo revolucionário sandinista permaneceram dominados pela cultura machista e soterrados pela contrarrevolução, financiada pelos EUA, e não resistiu. Sem o apoio das mulheres e das demais frações das classes subalternas, qualquer revolução está fadada ao fracasso.

Conclusões

A participação da mulher no bojo da Revolução Sandinista se destacou justamente pela ascensão destas na sociedade nicaraguense em seus âmbitos político, social e cultural, chegando a lugares até então não alcançados, além de deixar um legado que ainda hoje repercute no movimento feminista da Nicarágua, afinal, após os anos 1990 múltiplos coletivos e organizações feministas começam a surgir, dentre eles os mais importantes são a própria AMNLAE, que no início da década



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de 1990 se torna uma Organização não-governamental (ONG); o *Movimiento Autonomo de Mujeres de Nicaragua*, o MAM, resultado de uma dissidência do AMNLAE, e o Programa Feminista *La corriente*.

A revolução popular sandinista, por fim, não alcançou seu objetivo final, não se consolidou em uma nova hegemonia. Mas o processo nicaraguense de resistência anticapitalista e antiimperialista é paradigmático.

Afinal, reiteramos que, para a compreensão da dinâmica das disputas hegemônicas, a experiência da Nicarágua Sandinista foi uma valiosa demonstração das possíveis formas de unificação das classes subalternas, de construção de uma concepção de mundo alternativa passível de tornar-se hegemônica, e, diretamente relacionado à luta das mulheres, fica evidente a necessária elevação das questões feministas, vinculadas às questões de classe e de raça/etnia no campo da esquerda, para a constituição de processos de resistência e da luta revolucionária.

Bibliografia

CORTÁZAR, Julio. **Nicarágua, tão violentamente doce**. 1. ed. Tradução de Emir Sader. – São Paulo: Editora Brasiliense s.a., 1987.

FSLN, Programa Histórico del FSLN, 1969.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere, vol. 1**. Edição e Tradução, Carlos Nelson Coutinho; coedição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. **Cadernos do cárcere, vol. 5**. Edição e Tradução, Luiz Sergio Henriques; coedição, Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GRUPPI, Luciano. **O Conceito de Hegemonia em Gramsci**. 1. ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. – Rio de Janeiro : Edições Graal, 1978.

JOFFILY, Olivia Rangel. **Esperança equilibrista – Resistência feminina à ditadura militar no Brasil**. Florianópolis : Insular, 2016.

MONAL, Isabel. *Gramsci, a sociedade civil e os grupos subalternos*. In. **Ler Gramsci, entender a realidade**. Org. Carlos Nelson Coutinho, Andréa de Pauxa Teixeira. – Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2003. p. 189 – 199.

PALAZÓN SAÉZ, Gema D., “*Antes, durante, después de la revolución...La lucha continúa del Movimiento feminista en Nicaragua*”, In. **Lectora**, 13: 115-131. ISSN: 1136-5781 D.L. 395-1995, 2007.

RANDALL, Margaret. **Estamos todas despertas**. 1. ed. Tradução de Beatriz A. Cannabrava e Maria Angélica Trajber. - São Paulo : Global Editora, 1982.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo : Moderna, 1987.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

SCHILD, Verónica. *Feminismo e neoliberalismo na América Latina*. In **Nueva Sociedad, Especial em Português: Desafios e Perspectivas da democracia**. Junho, 2017, p. 98 – 103.

WILSON, John-Paul. *Sandinista impact on Nicaraguan Gender Relations*. **Latin American Essays**, Volume 24, 2010, p. 5-18.

ZIMMERMANN, Matilde. **A Revolução Nicaragüense**. 1. ed. Tradução de Maria Silvia.